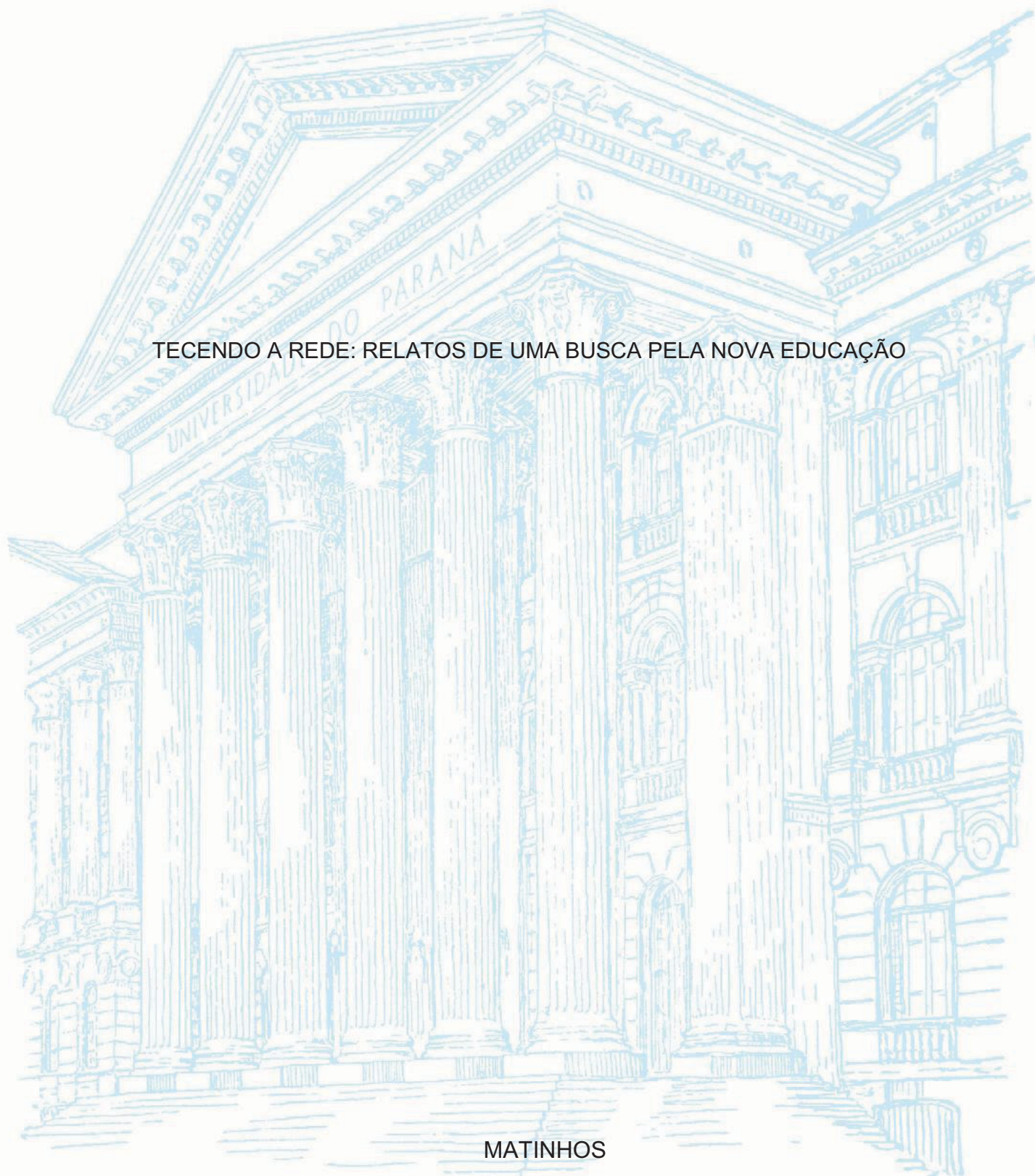


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NAHYR CARNEIRO DA SILVA

TECENDO A REDE: RELATOS DE UMA BUSCA PELA NOVA EDUCAÇÃO



MATINHOS

2018

NAHYR CARNEIRO DA SILVA

TECENDO A REDE: RELATOS DE UMA BUSCA PELA NOVA EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ms. Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2018



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora MSc. **Susan Regina Raittz Cavallet**, realizaram em 28 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Nahyr Carneiro da Silva**, sob o título "TECENDO A REDE: RELATOS DE UMA BUSCA PELA NOVA EDUCAÇÃO", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

MSc. Susan Regina Raittz Cavallet
Professora Orientadora

Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante

Dr. Valdo José Cavallet
Professor Integrante

Nahyr Carneiro da Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este trabalho ao meu marido companheiro, aos meus filhotes e aos meus educandos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores por mediar um processo de aprendizado inesquecível e único, e aos meus colegas de curso que formaram a rede do presente trabalho.

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

O presente trabalho relata ações e vivências em experiências inovadoras educacionais ocorridas durante o ano letivo de 2017 e primeiro semestre de 2018. Tais relatos decorrem da influência de encontros entre uma rede de educadores formada pelo curso de Especialização ANE – Alternativas para uma Nova Educação. A maioria das ações ocorreram na Escola Estadual Abigail dos Santos Corrêa, em Matinhos, porém outros espaços também foram contemplados. Nossos principais sujeitos participantes foram cerca de 150 estudantes, das turmas de sextos, sétimos e oitavos anos, além dos educadores que realizaram uma rica troca de saberes em prol das ações motivadas pela ANE. Estas ocorreram com ênfase nos conteúdos de Ciências, mas caracterizaram-se como um trabalho transdisciplinar, de forma que inúmeras linguagens foram abordadas. Entre os relatos estão: aulas de campo, produção de projetos, aulas práticas, debates, criação de jogos, integração entre escolas, entre outros. Durante o caminho entre ações e encontros os conceitos de educação inovadora se consolidaram de uma forma muito natural e geraram práticas permanentes no trabalho educacional, revelando que a busca por novas metodologias educacionais compreende um caminho sem volta.

Palavras-chave: Práticas Inovadoras 1. Trabalho em Rede 2. Educação transformadora 3.

ABSTRACT

This paper describes educational innovative methods during the 2017-18 academic year. These experiences were proposed in meetings of an academic network group called "Alternativas para uma nova educação" (ANE). The methods were mainly applied in *Escola Estadual Abigail dos Santos Corrêa* and evolved around 150 students. The experiences were designed in a multidisciplinary approach, but mainly related to teaching biology. The main methods described by the educators were based in educational games, debates, interactions between schools, etc. On the process of applying the methods with the students and discussions in the group their results spontaneously emerge as a natural process indicating that the search for new methodological search is unavoidable.

key words: Innovative Practice 1. Networking 2. Transformative Education 3.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - QUADRO DE AÇÕES.....	13
FIGURA 1 - ESTUDANTES DE 6 ⁰ E 7 ⁰ ANOS PARTICIPANDO DO LANÇAMENTO DE UM FOGUETE CONSTRUÍDO POR UM COLEGA.	15
FIGURA 2 - PIQUENIQUE SAUDÁVEL COM ESTUDANTES DO 7 ⁰ ANO, PARQUE ESTADUAL RIO DA ONÇA.	18
FIGURA 3 - AULA DE CAMPO ESPAÇO FRANCISCO AMARO, ESTUDANTE MOSTRANDO A MINHOCA QUE PRODUZ ADUBO	20
FIGURA 4 - EDUCANDOS APRENDENDO COM OS PRÓPRIOS JOGOS	21
FIGURA 5 - ESTUDANTES CONFRATERNIZANDO NO CAFÉ SAUDÁVEL PRODUZIDO POR ELES MESMOS	23
FIGURA 6 – OFICINA DE LABIRINTO LÚDICO.....	24
FIGURA 7 - INTERCÂMBIO ENTRE ESCOLAS ATRAVÉS DO JOGO DIDÁTICO..	25
FIGURA 8 – MENINAS DANÇANDO CARIMBÓ.....	26
FIGURA 9 - DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS ATRAVÉS DA MÚSICA REGGAE	27
FIGURA 10 - ESTUDANTES DE 8 ⁰ E 9 ⁰ ANOS NA PALESTRA DA DRA. CAROLINA DIAS.....	28
FIGURA 11 - RODA DE CONVERSA – INTERCÂMBIO CULTURAL	29
FIGURA 12 – PAINEL PARA II CONANE CAIÇARA	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MEMÓRIA DE VIDA	10
3	RELATO	12
3.1	AÇÕES CONSOLIDADAS.....	13
3.1.1	APRENDIZADO POR PROJETOS.....	13
3.1.2	AULAS DE CAMPO.....	16
3.1.3	JOGOS DIDÁTICOS.....	20
3.1.4	CAFÉ SAUDÁVEL.....	22
3.2	AÇÕES EM EXPLORAÇÃO.....	23
3.2.1	LABIRINTO LÚDICO.....	23
3.2.2	INTERCÂMBIO ENTRE ESCOLAS.....	24
3.2.3	DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS.....	25
3.2.4	PALESTRA – DIA DA MULHER.....	27
3.2.5	INTERCÂMBIO ENTRE CULTURAS.....	28
3.3	PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES.....	29
3.4	PERCEPÇÕES AOS OLHOS DO EDUCANDO.....	30
3.5	GRUPOS DE TRABALHO.....	31
3.6	EVENTOS EM SÃO PAULO.....	32
3.7	PAINEL - A SIGNIFICAÇÃO.....	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A educação realizada hoje em nossas escolas é incompatível com a era em que vivemos. Não há sintonia entre estudantes, professores e suas metodologias. Isso causa um abismo profundo nas relações gerando consequências desastrosas na caminhada do aprender. A verdade é que essa falta de qualidade no ensino é vantajosa para o sistema hegemônico e, portanto, o descaso com a educação é proposital.

Ainda assim, o educador em essência necessita vivenciar o ensinar e o aprender. A emancipação do educando é alimento para alma, sem isso o educador míngua e adocece. Então o drama do educador está escancarado: Esperançar? Assumir? Se frustrar? Ser feliz? Como?

Muitos são os questionamentos, mas o mestre do aprender é inquieto e resiliente, e as respostas brilham para cada um em seu próprio tempo, em seu próprio caminho. Alguns já enxergaram suas vias e, descobriram que não precisam percorrê-las sozinhos, aliás quanto mais partilharem esse percurso mais iluminada e dinâmica fica a caminhada.

Harmonizar as relações entre educandos e educadores fortalece os laços de ensino e aprendizagem. Os abismos são vencidos e as trocas de saberes se consolidam. Assim uma nova educação é construída em contraposição à subjugada escolarização mantida pelo sistema hegemônico e a raiz para uma outra sociedade mais justa e igualitária se sustenta.

O presente trabalho visa relatar o caminho compartilhado, a rede de alternativas fortalecida através das vocações pessoais e a busca comum das realizações no ensinar e aprender.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Quando nasci em Curitiba, em plena primavera de 1985, primeira filha de duas, minha família morava em um bairro pequeno, onde tive uma infância feliz e livre, intercalando escola e rua. Brinquei muito, vivi muitas aventuras e dividi essa fase com os, hoje chamados, “amigos de infância”. Sempre estudei em escola pública e nunca fui uma “má aluna”, não tive problemas em me adaptar às metodologias aplicadas no sistema escolar. Curvei-me naturalmente, sem questionar, até chegar ao ensino médio. Na adolescência, tive de lidar com o autoconhecimento inevitável e aceitação, como muitos nessa idade. Aceitar não foi a melhor palavra, questionei muita coisa, sem argumentação nem embasamento, uma inquietação sem muitos fundamentos, mas persistente. Rebelde sem causa, alguns dizem, ou talvez uma forma de autoafirmação.

Na fase da escolha da carreira, por influência paterna me submeti ao vestibular para engenharia ambiental, uma tentativa de unir minha paixão pelo meio ambiente e as expectativas financeiras do meu pai com a engenharia. Não passei e descobri que teria que me esforçar muito mais para conseguir cursar uma universidade pública. Não havia expectativa de estudar em uma instituição particular, justamente, por motivos financeiros. Depois da reprovação, amadureci e assumi com o apoio da família a intenção de prestar biologia. A fase do vestibular foi uma experiência desumana, precisei me esforçar e estudar loucamente para conseguir, mas quando veio, a felicidade da aprovação foi tão grande que me cegou para a realidade de todos os outros que jamais teriam essa mesma oportunidade. Caí na realidade quando ministrei, voluntariamente, aulas de biologia no cursinho comunitário “Conhecimento em Luta” que funcionava no bairro CIC em Curitiba. Essa foi minha primeira experiência em sala de aula como professora o que me trouxe prática às teorias da Universidade. Coincidentemente foi uma forma de me conectar com a minha própria realidade, pois, assim como meus alunos de escola pública, eu sabia que a aprovação no vestibular na UFPR era algo muito difícil, quase inalcançável. Com todo o esforço alguns se tornaram colegas de universidade, e retornaram ao cursinho para também lecionar ou ajudar de alguma forma. Vivenciar todo esse processo marcou e embasou meu olhar social.

Durante o curso de licenciatura em ciências biológicas tive outras experiências e convivências que me fizeram questionar o papel da universidade para

a sociedade como um todo. Sentia que faltava algo. Muitas pesquisas e estudos biológicos não faziam sentido nessa perspectiva. Acabei inclinando minhas ações em projetos de extensão e coletivos, sempre buscando a comunicação com a comunidade. Obviamente me apaixonei pela educação. Prestei concurso para professora do Estado e em 2012 fui convocada. Era diferente das aulas do cursinho no CIC, entrei no sistema da escola e apliquei com meus alunos as mesmas metodologias às quais eu fui submetida. Muito conteúdo e muitas cobranças exageradas, repeti tudo, como um verdadeiro reflexo do que foi a minha vida escolar. É engraçado pensar que as intenções eram sempre as melhores, achava que aquilo era o certo. Mas como iria fazer diferente, tendo recém-saído de um curso de Ciências Biológicas de nível altíssimo de conteúdo? No entanto minha essência, meu olhar sempre foi diferenciado, nunca esqueço do meu primeiro diretor me chamar em sua sala para termos uma longa conversa, da qual a frase mais marcante foi: “Professora, você não pode ser amiga dos seus alunos.” Ouvi aquilo e fiquei muito triste e revoltada, pois os laços de amizade já tinham sido feitos. E como não ser amiga? Que tipo de relação teremos então? Não faz sentido!

Inevitavelmente minha história, formação e inclusive a maternidade desencadearam em meu ser as inquietações da Educação. Passei a buscar metodologias, rever conceitos e tentar pôr em prática novas formas de aprender e ensinar que dessem sentido real ao meu trabalho.

Porém esse é um caminho um tanto singular, infelizmente não são muitos os educadores que ousam fazer diferente e enfrentar as inúmeras barreiras, como a já citada conversa com o diretor, por exemplo. Essas intempéries, aparentemente mansas, minam os sonhos e intoxicam os sonhadores. Portanto é fundamental que haja alguma fonte de fortalecimento para essas pessoas e, nesse sentido, a maior forma de apoio que conheci foi a união e cumplicidade entre os iguais. Essa descoberta veio com a ANE, através dela, construímos elos entre esses educadores ávidos e famintos de si mesmos, tecendo uma grande rede, não uma que aprisiona, mas que conecta e liberta.

3 RELATO

Meu ingresso na turma ANE, quebrou uma dormência de quase dez anos com a formação acadêmica. Durante a graduação tive algumas passagens difíceis, que me fizeram conservar ressalvas e até certa aversão à academia. Porém, graças ao incentivo de colegas e identificação com a proposta da Especialização, resolvi arriscar e me candidatar. Fiquei feliz pois faria essa caminhada junto a pessoas muito queridas.

Criei poucas expectativas pois estava disposta a sentir cada momento novo tal qual um bebê. Recordo-me do nosso primeiro encontro, quando nos apresentamos, um a um. Fiz anotações, frisando cada sujeito que poderia trazer contribuições significativas, em meu julgamento, para essa nova educação. A ordem das apresentações era voluntária, eu posterguei a minha e fiquei para o próximo encontro. Expus com brevidade minha atuação como Professora de Ciências pela rede estadual em Matinhos e compartilhei minhas inquietações sobre a educação.

Com o passar dos encontros minhas intenções foram se moldando. Cada vez era uma revelação iluminando nossas convicções sobre educar e aprender. As trocas entre os colegas foram riquíssimas. A experiência das CONANE's (Conferência de Alternativas para a Nova Educação) Nacional e Regional, foi libertária.

Através da rede de sujeitos formada nos encontros da Especialização, os educadores se uniram e trocaram seus dons em prol de ações inovadoras nos diversos espaços contemplados pela rede.

Após alguns encontros comecei a nutrir uma ideia antiga de formar um grupo de meninas na minha escola, com rodas de conversa, no intuito de debater temas do universo feminino relevantes à essa idade de descobertas. Sonhei, fiz o projeto e convidei pessoas para contribuir. Mas o projeto não saiu do âmbito da imaginação. Fiquei frustrada. Porém esse sentimento não era sufocante. No dia-a-dia eu estava bem resolvida e realizada com meus trabalhos. Então despertei para valorizar essas outras ações e ressignificá-las nesse trabalho.

As ações ocorreram, em sua maioria, na Escola Abigail dos Santos Correa, de Matinhos, com estudantes entre 11 e 15 anos, dos 6^{os}, 7^{os} e 8^{os} anos. Para facilitar a compreensão dos relatos optei por dividi-los em 4 classes, como mostra o seguinte quadro:

Quadro 1 - QUADRO DE AÇÕES

Classes de Ações	Ações - ANE
3.1 Ações Consolidadas	3.1.1 Trabalho por projetos 3.1.2 Aulas de Campo 3.1.3 Jogos Didáticos 3.1.4 Café saudável
3.2 Ações em exploração	3.2.1 Labirinto Lúdico 3.2.2 Intercâmbio entre Escolas 3.2.3 Desconstruindo Preconceitos 3.2.4 Palestra – Dia da Mulher 3.2.5 Intercâmbio entre Culturas
3.3 Participação em Ações	Oficina de pães na Aldeia Espiral de Ervas na Praça Café com Autocuidado – Quebrando Padrões Coloniais Troca de Mensagens entre meninas
3.4 Percepções	Aos olhos do educando
3.5 Grupos de trabalho	Grupo de estudos Desformação
3.6 Eventos em São Paulo	VI Seminário Heliópolis Bairro Educador Caminhada da Paz
3.7 Painel	A significação

FONTE: A autora, 2018

3.1 AÇÕES CONSOLIDADAS

As ações consolidadas são metodologias experienciadas a alguns ciclos nessa trajetória de busca de alternativas na educação e que por agregarem consideravelmente no processo de aprendizagem já aparecem inclusas no plano de trabalho docente.

3.1.1 APRENDIZADO POR PROJETOS

O que despertou para o trabalho da metodologia de projetos foi a necessidade de proporcionar aos educandos a oportunidade de praticar seus aprendizados e entender o sentido palpável de cada teoria. A inspiração para essa prática veio teorizada e exemplificada por José Pacheco (2014, p.42):

Ter-se-á de entender que a teoria não antecede a prática e que é a dificuldade sentida na prática que justifica a busca de teoria, com vista a uma práxis coerente. É um erro pensar que a teoria precede a prática, assim como agir na prática desprezando a teoria. A necessária reelaboração cultural requer alteração de padrões atitudinais, que são complexos e de modificação gradual.

A aplicação da metodologia do aprendizado por projetos é uma alternativa educacional muito rica. Comum em alguns espaços educativos inovadores essa ferramenta de conhecimento é capaz de envolver inúmeros crescimentos ao educando durante o processo.

Definitivamente, a organização do Projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual os conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. Esta seria a ideia fundamental dos projetos. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 63).

Sendo assim, através do processo de construção do projeto os educandos irão se deparar com situações que os exigirão desenvolver habilidades para resolvê-las. Além disso, todo o aprendizado é protagonizado pelo próprio educando, o que estimula o desenvolvimento da autonomia. Como afirma também FREIRE (1996, p.22) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A presente experiência de aprendizagem por projetos vem sendo aplicada há alguns ciclos e não é estática. Vale ressaltar que, com frequência, em decisões conjuntas com os estudantes, mudamos e adaptamos a metodologia em busca de melhores compreensões.

Atualmente a metodologia segue a seguinte descrição:

1^o Momento- Orientações gerais: Formação das equipes, escolha do tema, explicação sobre os critérios de avaliação, decisão do tempo necessário para a construção dos projetos e da data da exposição, entre 20 e 25 dias, após as primeiras orientações;

2^o Momento- Reunião das equipes e construção do roteiro do projeto: Equipe consolidada, tema, material de exposição, responsabilidades, esboço do projeto e perguntas investigativas, direcionadas pela professora de acordo com o tema escolhido pela equipe;

3^o Momento- Registros de construção contínua: orientação oral e virtual, através de conversas e imagens trocadas entre as equipes e a professora orientadora durante o processo de confecção e estudos dos projetos.

4^o Momento- Dia da exposição: organização das carteiras da sala, ou no pátio, preparação dos cartazes e materiais de exposição e apresentação dos aprendizados para os colegas visitantes de outras turmas ou outras escolas.

A principal adaptação no momento é estudar formas de incluir no cronograma um 5^o Momento, no qual faremos uma análise em forma de conversa e autoavaliação do aprendizado teórico e empírico envolvido no processo de construção projeto.

FIGURA 2 – ESTUDANTES DE 6^o E 7^o ANOS PARTICIPANDO DO LANÇAMENTO DE UM FOGUETE CONSTRUÍDO POR UM COLEGA.



FONTE: A autora (2018).

3.1.2 AULAS DE CAMPO

As aulas de campo surgem da defasagem de contexto gerada dentro da sala de aula, se faz necessário tirar os estudantes do cárcere e apresentá-los o mundo através dos olhos da educação. Nesse sentido as saídas de campo, sejam na natureza, na cidade ou outros espaços compõem uma ferramenta única na formação do ser. Através de vivências fora da sala da escola o educando tem incontáveis oportunidades sensibilizadoras que marcam sua história de vida e a capacidade transformadora dessas inscrições na biografia dificilmente é gerada dentro das paredes da sala. Como nos esclarece MENDONÇA (2017, p. 27):

Por isso é tão importante trabalhar com as crianças fora da sala de aula. Levá-los para aprendizagens ao ar livre é resgatar os aspectos essenciais da inteligência humana e colocá-los à disposição da evolução da vida. Ao mesmo tempo, proporciona a professores, educadores e pais, momentos prazerosos de intenso estímulo sensorial, quando todos participam como seres integrais com o que têm de melhor. Nessas situações, professores, alunos e pais se tornam aprendizes e podem melhorar e aprofundar suas relações pessoais. Os padrões pré-estabelecidos se flexibilizam e todos caminham juntos com confiança e afeto. MENDONÇA (2017, p. 27)

E ainda:

Sair da sala de aula pode ter um papel político-social muito maior do que se pode imaginar. Significa posicionar-se pela construção de uma sociedade que inclua as diferenças e oposições. E que, em todas as situações da vida, mesmo as mais difíceis, sejam momentos privilegiados de aprendizagem. MENDONÇA (2017, p. 39)

Os relatos que seguem compõem duas aulas de campo como ações consolidadas. As idas ao Parque Rio da Onça e ao Espaço Francisco Amaro.

O Parque Rio da Onça é uma reserva ecológica situada dentro da comunidade do Riviera onde fica a Escola. Há inúmeras fontes de observação e percepção passíveis de serem trabalhadas através da vivência dessa saída de campo.

A prática da aula de campo como recurso metodológico de ensino, é uma forma de que transcender os conteúdos debatidos em sala de aula e possibilitar sensibilizações mais significativas para o desenvolvimento pessoal. Uma forma de realizar a apresentação de fenômenos naturais é utilizando, como recurso didático, aulas de campo em ambientes naturais principalmente aqueles que encontrados espacialmente próximos aos alunos por sua facilidade e pela possibilidade dos alunos possuírem experiência prévia com o ambiente objeto de estudo. FONSECA E CALDEIRA (2008, p.71)

Além de possibilitar ao educando uma forma mais significativa de aprendizado, a visita ao Parque Rio da Onça é uma forma de valorizar a natureza local e os próprios estudantes, além de fazê-los questionarem a própria realidade, já que durante a caminhada presenciam irregularidades inerentes às comunidades pobres. Como provoca Paulo Freire:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? FREIRE (1996, p.30)

Após organização e orientação anteriores chegamos ao cronograma da aula de campo que compõe:

1^o Momento - Caminhada pela comunidade até o Parque e breve apresentação pelos responsáveis no local.

2^o Momento - Dinâmica com o livro “Guia das espécies do Parque Rio da Onça” onde cada criança será o animal da página que sortear.

3^o Momento - Iniciamos da trilha e observações.

4^o Momento - Parada no Mirante das Bromélias onde compartilhamos de um piquenique saudável e fazemos uma reflexão sobre os resíduos gerados.

5^o Momento - Retorno à trilha onde os estudantes são privados da visão através uma dinâmica de sensibilização realizando um trecho do percurso com os olhos vendados. E então convidados a refletir sobre tal desconforto.

6^o Momento - Retorno à escola.

Para esta ação da ANE, houve divulgação e convite para a rede de educadores. Obtivemos o prestígio de uma colega, Xinha Callejera, que nos deu o prazer de sua companhia.

FIGURA 2 - PIQUENIQUE SAUDÁVEL COM ESTUDANTES DO 7^o ANO, PARQUE ESTADUAL RIO DA ONÇA.



FONTE: A Autora (2017).

O Espaço Francisco Amaro, localiza-se dentro da comunidade onde está localizada a escola e compreende um espaço de transformação de matéria orgânica em adubo. É gerido, por Francisco Amaro, Gestor Ambiental e educador que, acolhe turmas de diversas idades para trabalhos de educação ambiental, troca de saberes e conscientização agroecológica. Essa aula de campo constitui uma oportunidade ímpar onde os estudantes podem vivenciar e aprender conteúdos curriculares de ciências de forma interativa e significativa vivenciando seus estudos na prática.

As aulas de campo são oportunidades em que os alunos poderão descobrir novos ambientes fora da sala de aula, incluindo a observação e o registro de imagens e/ou de entrevistas as quais poderão ser de grande valia. Estas aulas também oferecem a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, pois dependendo do conteúdo, podem-se abordar vários temas (MORAIS e PAIVA, 2009).

Apesar das vantagens do aprendizado informal, infelizmente o mais comum é o professor negligenciar esse aprender fazendo, num intenso ignorar o que é verdadeiramente ensinar e aprender, como diz Paulo Freire (1996, p.44):

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. FREIRE (1996, p.44)

Sendo, portanto, necessário que todo educador reveja seu trabalho, reavalie-o e adapte-o afim de oportunizar um tempo escolar mais digno aos seus educandos. Como diz Paulo Freire “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (1996, p.39)

FIGURA 3 - AULA DE CAMPO ESPAÇO FRANCISCO AMARO, ESTUDANTE MOSTRANDO A MINHOCA QUE PRODUZ ADUBO.



FONTE: A Autora (2017).

3.1.3 JOGOS DIDÁTICOS

Essa metodologia consolidou-se instantaneamente desde sua primeira aplicação e a cada novo ciclo demonstra mais benefícios. O jogo pedagógico é uma forma de aprender e se divertir, além de exercitar sua própria forma de pensar, como explica Jean Piaget (1976, p.99) “O jogo é, portanto, sob as suas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu.”

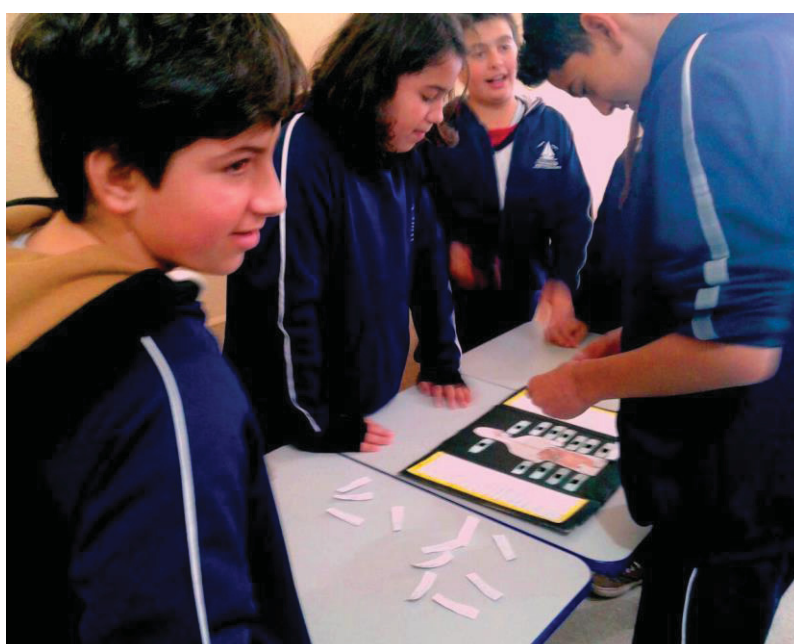
A metodologia de aprendizado através da construção de jogos didáticos é atualmente aplicada em um dos bimestres com os estudantes do 8^o Ano, quando os educandos são convidados a escolher entre um dos sistemas do corpo humano, estudá-lo e criar um jogo com conceitos envolvidos. Os estudantes se organizam em equipes e decidem em conjunto quanto tempo será necessário para desenvolver esse trabalho. Marcamos uma data para exposição dos jogos quando jogamos e aprendemos juntos em meio à muitas risadas.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 1996, p.72)

Ainda justificando a alegria podemos acariciar a alma com Rubem Alves (1994, p.10) dizendo “O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...”

Há agora, a intensão de ampliar essa metodologia para outros anos e aperfeiçoar o uso de novas modalidades de jogos.

FIGURA 4 - EDUCANDOS APRENDENDO COM OS PRÓPRIOS JOGOS



FONTE: A Autora (2017).

3.1.4 CAFÉ SAUDÁVEL

Essa metodologia veio da ideia de uma colega de trabalho percebendo a necessidade de valorizar a alimentação saudável, rica e nutritiva, infelizmente rara entre os adolescentes. Me dispus a realiza-la agregando-a ao estudo sobre os nutrientes dos alimentos. De acordo com LEGAN (2007, p.60):

Comer é a melhor maneira de educar seus sentidos. É algo que você faz pelo menos três vezes ao dia, todos os dias. Ajudando os estudantes a compreender a relação entre alimento e bem-estar você oferece uma grande extensão de experiências, com diferentes sabores, aromas e texturas que, de outra forma, nunca teriam a chance de experimentar. Compartilhando refeições e divertindo-se você lentamente pode introduzir uma dieta variada e diferente. LEGAN (2007, p.60)

O café saudável é a coroação de um estudo onde primeiramente são feitas pesquisas iniciais sobre cada nutriente, suas funções e fontes alimentares. Após um debate provocativo sobre a qualidade dos alimentos principalmente aqueles produzidos para o público infantil os estudantes do 8^o ano são incentivados a se organizarem em equipes e planejarem um café saudável. Na data combinada cada equipe prepara seus alimentos e juntos compomos uma mesa rica em todos os tipos de nutrientes.

O café saudável compõe mais uma metodologia de aprendizagem diferenciada, onde desenvolve-se autonomia, trabalho em equipe, criatividade, responsabilidade, estudo, pesquisa e prática, além da oportunidade de aprender e se divertir.

A cada ciclo de aplicação da metodologia do Café Saudável, uma nova prática é agregada, na sua última edição tivemos a surpresa de um dos estudantes nos guiar em um alongamento corporal. Uma atitude que pode revelar apropriação do processo vivenciado.

FIGURA 5 - ESTUDANTES CONFRATERNIZANDO NO CAFÉ SAUDÁVEL PRODUZIDO POR ELES MESMOS



FONTE: A Autora (2017).

3.2 AÇÕES EM EXPLORAÇÃO

As ações em exploração consistem naquelas pontuais oportunizadas por datas simbólicas do calendário, ou ainda nas propostas de colegas da ANE desenvolvidas na Escola Abigail dos santos Corrêa. Tais ações não tem regularidade nos processos pedagógicos do Plano de Trabalho Docente e ocorrem conforme as oportunidades aparecem. Porém algumas carregam potencial para ocorrerem de forma continuada.

3.2.1 LABIRINTO LÚDICO

O Labirinto é uma ferramenta aplicada pela nossa colega da ANE, Camila Haubert, que desenvolve um trabalho muito importante de empatia e autoconhecimento. A metodologia foi aplicada por ela em formato de oficinas em um dia da Semana de comemoração à Matemática.

Algumas crianças se frustraram pois criaram expectativas de percorrer uma aventura onde se percam e precisem buscar, com muita emoção, uma saída, porém esse é um labirinto meditativo onde o encontro é o principal objetivo. Durante a aplicação das oficinas percebemos que o simples ato de tocar no colega era algo

que gerava desconforto ou vergonha. Sugerimos, portanto que essa ferramenta possa ser uma forma de ajudar a construir o sentimento de cumplicidade e companheirismo entre os educandos.

FIGURA 6 – OFICINA DE LABIRINTO LÚDICO



FONTE: A Autora (2017)

3.2.2 INTERCÂMBIO ENTRE ESCOLAS

A proposta de intercambio veio da parceira de alternativas, Samira Xavier, que convidou nossa escola para compor uma das Oficinas da Semana comemorativa na Escola Tereza Ramos. Os estudantes do 8^o ano se organizaram e levaram seus jogos e experimentos científicos para a Escola anfitriã. Nessa oportunidade, durante uma manhã, jovens de diferentes escolas compartilharam saberes e se divertiram através dos jogos produzidos por eles mesmos.

FIGURA 7 - INTERCÂMBIO ENTRE ESCOLAS ATRAVÉS DO JOGO DIDÁTICO.



FONTE: A Autora (2017)

3.2.3 DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS

Os meados de novembro marcam a Escola com os trabalhos de conscientização e valorização da cultura afro-brasileira em combate ao preconceito racial. Anualmente são trabalhados debates e enriquecimentos culturais que contagiam e quebram pré-julgamentos arraigados na sociedade.

Em 2017, alguns estudantes estudaram, ensaiaram e apresentaram o Cacuriá e o Carimbó, danças típicas do Maranhão e do Pará, que contém em seu ritmo heranças Africanas e Indígenas. Esses estudos foram estimulados pois através do som dos tambores, do canto das palavras dos povos originários, dos movimentos dos passos da dança, os preconceitos diminuem ou desaparecem em meio ao rito da cultura.

Segundo Bregolato (2006), essas danças precisam ser valorizadas, no sentido de conceder aos negros, seu lugar na sociedade, que por direito lhes cabe, pois nos deram contribuições e lhes negam uma vida digna. Eles ainda são marginalizados e vítimas de preconceito e apesar da maior parte da população brasileira ser negra ou mulata, poucos tem chance da ascensão social.

FIGURA 8 – MENINAS DANÇANDO CARIMBÓ



FONTE: A Autora (2017)

A seriedade do debate ganhou peso através da nossa colega de Especialização, Fernanda Santiago, que nos trouxe sua contribuição abarcada do Movimento de Mulheres Negras e conduziu uma roda de conversa com uma turma de 8^o ano, analisando letras de músicas. O Reggae se compõe em um ritmo alegre e devocional, porém algumas músicas trazem denúncias que sangram a realidade do povo negro no país. Com a contribuição de outros colegas da ANE (Xinha Callejera, Rodrigo Jesus, Alex Albertini e Suzane Gruchouskei), obtivemos retorno que os estudantes gostaram e buscaram mais músicas para ouvir.

FIGURA 9 - DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS ATRAVÉS DA MÚSICA REGGAE



FONTE: A Autora (2017)

3.2.4 PALESTRA – DIA DA MULHER

Algumas datas simbólicas do calendário podem ser motivações para atividades diferenciadas nas escolas, não como comemoração, mas sim como lembranças da fomentação de debates, como é o caso do Dia da Mulher. Por ocasião dessa data a Dra. Carolina Dias da promotoria de Justiça de Matinhos, foi convidada com a intenção de aproveitar sua experiência na luta pela construção de um departamento feminino, na delegacia do município, preparado para atender casos de violência contra mulher.

No Paraná temos uma legislação específica que destaca a importância desse trabalho de prevenção desenvolvido na escola, a Lei Estadual nº 18.447/2015 que institui a Semana Maria da Penha nas Escolas. Essa legislação surge como uma resposta ao nosso contexto social que ainda é marcado pela violência contra as mulheres. A publicação dessa lei estadual reforça a necessidade de problematizarmos o tema com toda a comunidade escolar. SEED (2018)

A fala da Doutora extrapolou o tema e evidenciou toda a concepção machista da sociedade onde as meninas-mulheres tem de estar constantemente brigando por seu espaço de direito. Fato que após a palestra, já em sala com os alunos, ficou nítido que as meninas se sentiram altamente representadas e que os meninos tiveram seus ânimos exaltados ao perceberem, desesperados, o seu espaço dominador decair.

FIGURA 10 - ESTUDANTES DE 8⁰ E 9⁰ ANOS NA PALESTRA DA DRA. CAROLINA DIAS.



FONTE: A Autora (2018)

3.2.5 INTERCÂMBIO ENTRE CULTURAS

Dois vivências marcaram essa ação. A primeira foi uma ação conjunta entre a Escola Abigail dos santos Corrêa e a Escola Tereza Ramos, quando recebemos o Coral Indígena Guarani M'byá da Aldeia Araçaí de Piraquara, composto por jovens estudantes. A parceria se estabeleceu por via do colega da ANE Landir de Castro Souza, e teve o prestígio da consagrada amiga da Escola, Xinha Callejera. Foi uma experiência única para a maioria que nunca havia visto o canto guarani. Nesse breve contato, as crianças de ambas as culturas se conheceram e brincaram. Nos dias

decorrentes a euforia e curiosidade dos educandos inspirou o incentivo da troca de correspondências entre as culturas. Uma recordação eterna.

Em outra ação, recebemos o grupo de jovens que compõem o grupo de rap Guarani. Nessa oportunidade vivenciamos uma roda de conversa onde a troca de ideias foi engrandecedora para ambas culturas. Após a conversa o grupo se apresentou cantando suas letras de denúncia e realidade dos indígenas Guaranis e os estudantes puderam ver como jovens podem protagonizar a luta por seu povo.

Essas ações contribuem no combate aos preconceitos e pré-julgamentos contra os povos indígenas, como diz Paulo Freire (1996, p.60) “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.”

FIGURA 11 - RODA DE CONVERSA – INTERCÂMBIO CULTURAL



FONTE: A Autora (2018).

3.3 PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES

Para prestigiar meus colegas da ANE pude participar de algumas de suas ações como a Oficinas de pães na Aldeia, uma ação da Mayara Vieira da Silva, a Espiral de Ervas na Praça, da Fernanda Pasquale, e o Café com Autocuidado – Quebrando Padrões Coloniais da Xinha Callejera. Houve também uma participação

conjunta com a colega Michele Rodrigues Santos, na qual suas educandas escreveram bilhetes com mensagens de confiança e valorização da auto estima direcionadas às minhas educandas. A intenção dessa troca de estímulos vem a contribuir no combate aos padrões de beleza impostos pela sociedade, que afeta majoritariamente as mulheres e faz reféns as meninas em fase de puberdade.

Todas as oportunidades de participação foram fortalecedoras e ajudaram a unir mais os educadores em seus caminhos de busca. Dessa forma, compondo a nossa rede pela Nova Educação.

3.4 PERCEPÇÕES AOS OLHOS DO EDUCANDO

Com a intenção de perceber de forma mais clara o olhar do educando frente aos processos metodológicos aplicados nas ações foi proposta uma roda de conversa com as turmas. Ao iniciar a roda foi esclarecido o intuito daquele diálogo e de forma espontânea alguns educandos colocaram seus pontos de vista sobre o tema. Para a coleta dos depoimentos foi utilizado um gravador de voz. Posteriormente as gravações foram analisadas e algumas falas foram transcritas abaixo. Creio que refletem o trabalho realizado, afirmam sua relevância e esperanças as expectativas.

AOS OLHOS DO EDUCANDO, sobre o Aprendizado por Projetos:

“Aprende muito mais do que aprenderia no papel.”

“A gente gosta de apresentar para as turmas mais novas, pois ensinamos o que eles ainda vão aprender.”

Sobre as Aulas de Campo:

“É muito legal porque a gente vê com os próprios olhos o que estamos aprendendo, podemos saber a textura, usamos todos os sentidos.”

Sobre os Jogos Didáticos:

“A gente aprende se divertindo, jogando e dando risada.”

Sobre o Café Saudável:

“Assim chama mais atenção e fica mais interessante, nem parece que estamos estudando”

3.5 GRUPOS DE TRABALHO

Na intenção de aprofundarmos nossas ações e fundamentá-las teoricamente fomos incentivados a nos organizar em grupos de estudos de acordo com nossa morada geográfica para facilitar a logística das reuniões. Integrei-me ao Grupo de Estudos do Núcleo Matinhos.

Em nosso primeiro encontro, dialogamos sobre uma forma de guiar nossos estudos e refletimos sobre algo que fosse comum em todos os projetos. Percebemos que a “relação entre educador e educando” era muito significativa nos trabalhos sendo, então, o que mais nos representava. Decidimos, portanto, que cada um deveria escolher no mínimo dois autores e entender o que os mesmos teorizavam sobre esse tema: “relacionamento entre educador e educando”.

Rubem Alves e Paulo Freire foram minhas escolhas. Com eles aprendi, entre outras coisas, que não há aprendizado sem afeto e que ensinar é respeitar os saberes dos educandos. Senti muita identificação durante minhas leituras. Ler sobre o que fazemos é inspirador e gratificante. É fundamental para nos alicerçarmos como educadores.

Os aprendizados do grupo foram organizados em uma grande árvore da vida, simbolizando as raízes dos nossos saberes, as folhas das nossas energias e os frutos do nosso trabalho. A árvore está colada na parede do salão onde ocorrem os encontros da ANE e tem caráter interativo pois possibilita a quem quiser acrescentar a ela seus olhares.

A formação do grupo da Desformação, foi mais um dos incentivos que recebemos como orientação na ANE. Dialogamos sobre o tema e decidimos organizar um evento com oficinas abertas à comunidade educadora, chamamos: Domingo da Desformação. Esse evento foi uma oportunidade de conhecer melhor alguns trabalhos dos próprios colegas da ANE e ampliar nosso olhar de educação contra hegemônica. Obtivemos muitos educadores inscritos, inclusive com intenções de cursar a próxima turma da ANE. Nos sentimos gratos por essa realização.

3.6 EVENTOS EM SÃO PAULO

A ANE nos possibilitou experiências em espaços educadores já transformados. As vivências do VI Seminário Heliópolis Bairro Educador e da Caminhada da Paz, na cidade de São Paulo, foram grandes. Literalmente o que nos impactou foi o tamanho da comunidade e do movimento educacional presente. Foi possível ver a realidade da educação que sonhamos acontecendo em grande escala.

A visita à Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho, de Ibiúna foi fortalecedora para ambas as partes pois além do nosso aprendizado com aquelas crianças inspiradoras, nossa visita deu visibilidade e valorizou o projeto da Escola.

De fato, ponho-me a pensar que independente do tamanho e das características de cada comunidade, vislumbrar a mudança é possível e necessário.

3.7 PAINEL – A SIGNIFICAÇÃO

O fechamento desse trabalho de ações e metodologias alternativas se deu através do processo de construção de um painel. O painel seria a forma de apresentar minhas ações para a II CONANE Caiçara e serviria de instrumento para conclusão da Especialização.

Em conversas com a Comadre sobre como fazer algo realmente representativo fui desafiada a tecer a ideia, literalmente. Perfeito! Fazia tempo que não artesanava. O trabalho foi longo, por vezes refiz algumas etapas e adentrei madrugadas em amarrações. Estava cansada porém satisfeita, pois, na verdade, a confecção do painel foi um processo meditativo que despertou a percepção de que, a cada nó dado, toda minha trajetória ganhava mais significado. Inesperadamente, a

composição dessa apresentação foi uma ferramenta de reflexão e significação do meu trabalho, agregando, inclusive, para a descrição deste memorial. Nesse sentido, apresentar o painel foi natural pois estava integrada a ele. Chamei-o: “ENREDANDO – Unindo elos de Alternativas para uma Nova Educação”.

FIGURA 12 – PAINEL PARA II CONANE CAIÇARA



FONTE: Lucas Dlop “Pato” (2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a luta pela educação contra hegemônica é muito difícil, mas nossas inspirações nos orientam a negar o papel de objetos nessa história e nos assumirmos como sujeitos desse processo de transformação.

Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos

também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (2005, p. 126)

As mudanças na educação estão ocorrendo, aos poucos e mais lentas do que gostaríamos, mas já se constituem num caminho sem volta. As metodologias alternativas que priorizam a nova educação, já são realidade em alguns espaços educacionais pioneiros e com uma sensível persuasão contagiam educadores.

Podemos com segurança e vivacidade espelhar-nos na ANE, já que vivemos o privilégio de compor um grupo altamente rico e diverso, passamos por inúmeros processos sutis de desobstrução mental convergentes na busca pela nova educação. As convivências ensinaram mais do que livros, as trocas impactaram mais do que reportagens ou artigos e os desafios fortaleceram mais do que avaliações. Ou seja, tivemos, nós, a oportunidade de experimentar tudo aquilo que almejamos para as nossas crianças, e foi muito bom. Espero algum dia poder honrar esse aprendizado e oportunizá-lo aos meus educandos. Será a plenitude.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3ª edição, ARS Poética Editora Ltda, 1994.

BREGOLATO, R.A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2006.

FONSECA, G.; CALDEIRA, A. M. A. **Uma reflexão sobre o ensino aprendizagem de ecologia em aulas práticas e a construção de sociedades sustentáveis**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 1, n. 3, p.70-92, set./dez. 2008.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 6ª Edição. São Paulo: Cortez; 2005.

_____, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.**

33^a Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNANDEZ, F. e VENTURA M. **A organização do currículo por projetos de trabalho.** Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5^a ed. São Paulo: Editora Artes Médicas, 1998.

LEGAN, Lúcia. **A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente. 2. ed. Atualizada e revisada.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2007.

MENDONÇA, Rita. **Atividades em áreas naturais** [livro eletrônico] / Rita Mendonça. – 2^a. ed. São Paulo : Ecofuturo, 2017.

MORAIS, M. B.; PAIVA, M. H. **Ciências – ensinar e aprender.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia.** Trad. Lindoso DA, Ribeiro da Silva RM. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1976.

SEED. **Orientação pedagógica – Lei Maria da Penha nas escolas.**

www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/lei_maria_penha_escolas.pdf.

Departamento da Diversidade - DEDI/ Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2018.